

Literatura e religião na poética de Fernando Pessoa

Anaxsuell Fernando da Silva¹

Resumo

Fernando Pessoa traz subjacente à sua produção poética uma discussão sobre religiosidade. Declarava-se um cristão gnóstico, entretanto, existem indícios de seu afinamento com outras concepções religiosas, apesar de não se alinhar a nenhuma doutrina estabelecida. Sua fé pessoal inquieta e multiforme manifestava-se através dos vários heterônimos com os quais contava a história da sua pátria e a sua própria. Este trabalho discutirá as representações religiosas presentes na obra poética de Fernando Pessoa, que demonstra similitudes e contradições da sua concepção de sagrado e compreensão dos fenômenos que o cercava. E, a partir desta, valendo-se de instrumentos teóricos, possibilitar uma compreensão dos intensos fluxos entre fronteiras religiosas, delineando novas possibilidades de espiritualidades que sobrepujem as estruturas religiosas institucionais.

Abstract

Fernando Pessoa brings underlying to its poetical production a quarrel on religiosity. A gnostic Christian declared itself, however, exists indications of its proximity with other religious conceptions, although not to line up itself to no established doctrine. Its uneasy personal faith and multiforms was disclosed through the several personages through which counted to the history of its native land and its proper one. This work will argue the religious representations present in the poetical workmanship of Fernando Pessoa, who demonstrates to similitude and “contradictions” of its sacred conception of and understanding of the phenomena that surrounded it. And, to apartir of this, using itself theoretical instruments, to make possible an understanding of the intense flows between religious borders, delineating new possibilities of spirituality.

Introdução

Literatura e religião mantêm vínculos estreitos, ambas estão relacionadas à crença. O investimento individual nessas duas práticas, percebido como uma necessidade íntima, surge da confiança e do desconhecimento coletivos de que esses objetos são portadores. Criação e criador são, nas esferas religiosa e artística, produtos e produtores pela inspiração. Os múltiplos intercâmbios entre o glossário da arte e a linguagem sacramental atestam essa homologia. O ponto nodal da existência (social) da literatura, como o da religião, reside, sobretudo, na capacidade dessas práticas de se afirmarem como realidades transcendentes, isto é, relacionadas a uma lógica que não pertence ao domínio da causalidade, do explicável. Noutras palavras, escaparia a toda racionalidade exterior.

Tentar compreender as relações da religião e da literatura é debruçar-se sobre esses dois sistemas de crenças, cujas lógicas próprias partilham um poder análogo: o de colocar em ordem o mundo. Esses dois universos são geridos por uma magia coletivamente produzida, consolidados em instituições e, por vezes, erguidos em dogma. Magia reconhecida pelos indivíduos crentes seja no poder da literatura, seja no poder da religião, não obstante, a busca da objetivação pelas ciências sociais seja mais evidente nesses dois domínios.

Para compreender tais universos, não se deve cair nem em uma visão que reduz as lógicas desses espaços aos meros interesses dos atores, nem no ponto de vista inverso, igualmente redutor, que elimina os móveis de poder e as lutas decorrentes desses. Assim, considerar as relações da religião e da literatura é uma tentativa de desenredar as linhas de causalidades particulares de cada campo. Esses determinam, em parte, as tomadas de posição, sem esquecer que o campo literário, espaço de “mediações” das “determinações sociais que se exercem sobre a literatura”, vê a literatura “elaborar-se aí segundo a lógica das mediações próprias a esse espaço” (BOURDIEU, 1992; VIALA, 1988, p. 64-71):

Não sei se a vida é pouco ou demais para mim. Não sei se sinto demais ou de menos, não sei se me falta

escrúpulo espiritual, ponto-de-apoio na inteligência, consangüinidade com o mistério das coisas, choque aos contatos, sangue sob golpes, estremeção aos ruídos, ou se há outra significação para isso mais cômoda e feliz. Seja o que for, era melhor não ter nascido, porque, de tão interessante que é a todos os momentos, a Vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger, a dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas, e ir ser selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos, entre tombos, e perigos e ausência de amanhãs, e tudo isso devia ser qualquer coisa de mais parecida com o que penso ou sinto, que eu nem sei qual é, ó vida (PESSOA, 1985, p. 342).

Pouco antes da morte, a 30 de novembro de 1935, no Hospital São Luís, em Lisboa, vítima de cirrose provocada por ingestão de bebida alcoólica, Fernando Pessoa anotou num pedaço de papel suas últimas palavras: *I Know not what tomorrow will bring*². O sentido e a circunstância dessa frase remetem a uma de suas obsessões cognitivas, *thémata*: a existência, pendor especulativo que o levou a interessar-se por mediunidade, espiritismo, astrologia, maçonaria, teosofia – esoterismo em geral.

Ao escrever carta a João Gaspar Simões, Fernando Pessoa deixa evidente que o crítico deve estudar o artista exclusivamente como artista; ao adentrar no estudo do homem, não o deve fazer mais que o necessário para explicitar o artista. E, àquele autor que o fez objeto de redução psicanalítica, acrescenta: “Se você confessadamente não tem elementos biográficos precisos para ajuizar [...] porque se baseia na falta de elementos para formar juízo?”. O fato é que aquele biógrafo desenvolveu sua crítica a partir das teorias freudianas, e não foi bem aceito pelo próprio Pessoa.

Ao penetrar no cerne de uma obra, o sistema interpretativo freudiano, que tem como fulcro ontológico as neuroses ou complexos vivenciados pelo artista, foi vorazmente rebatida por Carl Gustav Jung. Desse modo, se as ciências humanas devem contribuir para o trabalho

literário, elas não devem extrair relações causais de certas obras; se assim for, toda crítica da arte e toda estética seriam amputadas. Segundo Jung (1971, p. 39), a escola freudiana entende que todo artista possui uma personalidade limitada, infantil e auto-erótica; esse julgamento poderia ser validado para o artista enquanto pessoa, mas de modo algum para o artista que há nele. O artista não é nem auto-erótico, nem heteroerótico, nem mesmo erótico, visto que ele habita, em última instância, uma realidade viva, pessoal, inumana e até mesmo sobre-humana. O artista é sua obra e não um ser humano.

Desse modo, não consideramos as próprias considerações de Pessoa sobre a sua histeroneurastenia. Não a levo a sério. O Poeta é um instrumento da sua obra, ele está abaixo dela, assim ele não é o próprio intérprete, sua tarefa suprema é dar-lhe forma (Jung, *Id*: 40). Afinal, o mesmo Fernando Pessoa afirmou:

Não conto em gozar a minha vida, nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo. Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha. Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: navegar é preciso, viver não é preciso.

Para o artista, o fundamental é criar.

Nasceu em Lisboa, a 13 de junho de 1888. No largo de São Carlos, entre o teatro do mesmo nome e a Igreja dos Mártires, no dia dedicado ao santo popular português, Santo Antônio, cujo nome tomou emprestado, Fernando Antônio Nogueira Pessoa. Seu pai, o funcionário público Joaquim de Seabra Pessoa, que, ao mesmo tempo, redigia críticas musicais para o Diário de Notícias, morreria vítima de tuberculose pulmonar, com 43 anos de idade. Órfão aos 5 anos de idade, Pessoa vê a sua família obrigada a leiloar os pertences e mudar de residência. No ano seguinte, morre o seu então único irmão, Jorge (com cerca de um ano de idade). Compôs a sua primeira quara “A Minha Querida Mamã”. Nesse período, cria seu primeiro heterônimo, *Chevalier de Pas*.

Sua mãe, Maria Madalena Pinheiro Nogueira³, desposou, em segundas núpcias, o comandante João Miguel Rosa, o então cônsul de Portugal em Durban⁴, o casamento se realizara por procuração em 30 de dezembro de 1895. No ano seguinte, em 5 de outubro 1896, o comandante João Miguel Rosa foi nomeado cônsul interino em Durban. Mãe e filho partem para a África do Sul, em 06 de janeiro de 1896, onde era aguardada pelo seu novo marido. Lá, Fernando Pessoa viverá até à data do seu regresso definitivo a Portugal, no ano de 1905.

Durante esse período da sua infância e adolescência que viveu nesse país, recebeu educação inglesa. Pessoa estudou na escola primária *Convent School*, que funcionava no convento de West Street (a qual pertencia a uma congregação de freiras irlandesas). Nessa escola católica, fez a sua primeira comunhão, antes de junho de 1896, mês em que completaria oito anos de idade (SIMÕES, 1950, p. 50). Os seus primeiros estudos e os seus primeiros textos são feitos em inglês, idioma que nunca abandonará. Através dele trabalhará, mais tarde, já em Lisboa, como correspondente comercial e tradutor. Mesmo adotando o português como língua dos seus escritos, continuará sempre a escrever em inglês, seja nos seus textos críticos e notas íntimas, seja nos seus trabalhos de tradução de poetas ingleses.

Surgem os heterônimos *Charles Robert Anon* e *H. M. F. Lecher*. Em 1904, recebe o *Prêmio Rainha Vitória*, concedido ao seu ensaio de inglês, prova de exame de admissão à Universidade do Cabo, realizado no ano anterior. Abdica do ingresso nessa universidade e retorna sozinho, e em definitivo, para Lisboa. Mora na casa de parentes (avó Dionísia e duas tias) vivendo uma vida modesta e continua a escrever poesias em Inglês.

Matricula-se no Curso Superior de Letras, em Lisboa, no ano de 1906, mas desiste no mesmo ano. Sonhando com um novo futuro para Portugal, cria jornais panfletários, como *O Phosporo* e *O Iconoclasta*, onde entendia ser seu dever atacar tudo. Por essa época, animou-o o espírito nacionalista dos que se reuniam em redor do periódico *A Águia*.

Mais tarde, insuflado pela convivência com Mário de Sá-Carneiro, um homem com temperamento cosmopolita, Pessoa revê o

nacionalismo nos moldes pensados pelos saudosistas do periódico mencionado; afastar-se-á dos militantes do grupo “Renascença Portuguesa”, e conceberá outros tantos projetos editoriais, como a revista *Lusitânia*, ou o seu sucedâneo, *Europa*.

Na companhia de amigos como Sá-Carneiro, Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor, Fernando Pessoa ficará para sempre associado às novas correntes modernistas. A sua influência na literatura portuguesa deste século é indissociável da reunião do grupo na criação da revista *Orpheu*, na qual desenvolvem e expressam, de uma forma que causou escândalo, mas, também, inúmeras adesões, as tendências modernistas literárias.

O isolamento e a solidão do poeta parecem ter marcado a maior parte da sua vida, ao longo da qual, todavia, foi criando novos amigos. Desde o primeiro, aos seis anos, a que chamou *Chevalier de Pas*; até os mais conhecidos, entre 1912 e 1914, a que chamou *Ricardo Reis*, *Alberto Caeiro* e *Álvaro de Campos*. A heteronímia é uma das facetas mais curiosas desse poeta e, para muitos, o resultado da desmultiplicação de um pensamento e de uma poética complexa e genial.

Avulta-nos, na leitura da vasta biografia sobre o poeta português, a desmedida atenção com que se vem, ao longo dos anos que sucederam a sua morte, procurando enredar, de modo injustificável, os seus heterônimos. Comentando tal fato, a ensaísta Lucilia Nogueira afirma:

[...] essa ênfase absurdista tem dificultado a própria difusão da obra, afugentando os leitores habituais da poesia. Pois o que pode atrair mais que a beleza, encantar mais que um ritmo, arrebatrar mais que um verso, essa visão magnética de abismo e claridade? (NOGUEIRA, 2003, p. 16).

Em artigo sobre biografia histórica, Benito Schmidt (2000) trata da centralidade da noção de contexto e das várias possibilidades de abordá-lo numa pesquisa biográfica. Defende a existência de diversas noções de contexto e de contextualização e alerta-nos para o perigo da perspectiva que procura “inserir o biografado em seu con-

texto” por entender que ela dá idéia do contexto como algo exterior ao biografado, aparecendo como tela pronta e acabada, bastando “colar” o biografado nela. Para evitar esse tipo de separação forçada entre o contexto e o biografado, Schmidt sugere que os estudos se deixem “guiar pelo indivíduo estudado” (p. 124). Ou seja, guiar-se pelas suas experiências, relações sociais, interpretações de mundo, posturas diante do mundo, etc.

Bachelard (1968, p. 320) lembrava que racionalizar a literatura não era função da investigação literária. Sua finalidade seria maravilhar-nos, fazendo-nos viver as grandes imagens. A verdadeira crítica seria uma perpétua aventura do conhecimento. Dito de outra maneira, deve-se estudar aquilo que tenha sido anteriormente sonhado; a ciência começa mais com um devaneio do que com uma experiência, e são precisas muitas experiências para afastar todas as brumas do sonho (BACHELARD, 1972, p. 48). No que tange à Poesia, é indispensável a percepção de que o longo esforço para interligar e construir pensamentos é ineficaz: é preciso estar presente à imagem no momento da imagem (BACHELARD, 1974, p. 341).

Os estudos de autor facilitam significativamente o processo de circunscrição do objeto de investigação, uma vez que o tema já é constelado pela articulação biografia-obra, autor-leitor. Nossa tese está respaldada em argumentos de alguns pensadores com os quais compartilhamos posições basilares. Assentimos com Umberto Eco (2005), de *Obra aberta*, a idéia de que, para certos tipos de obra, o autor oferece ao leitor a oportunidade de completá-la, de ser como que um co-autor. Octávio Paz (1992) comenta, na biografia de *Sor Juana Inês de la Cruz*, o pensamento de que “a vida não explica inteiramente a obra e a obra tão pouco explica a vida”, havendo na obra algo que é criação artística e/ou literária, e que é da ordem da novidade. E que as interpretações são sempre históricas, relativas, parciais, sustentando que o intérprete, na leitura da obra, transpassa a própria história dessa, introduzindo-a em sua história.

Michel Foucault (2002), em *O que é um autor*, coopera com tal concepção. Para ele, a compreensão de que a obra não se reduz ao que o autor escreveu, mas é integrada pelas ressonâncias que foi capaz de produzir na sociedade e na cultura. No que assente sua

leitora, Vera Portocarrero (1994), segundo a comentadora, a posição de que os conjuntos de enunciados sobre o autor ou sobre sua obra são ‘acontecimentos discursivos’, “cuja descrição permite compreender como foi possível que um determinado enunciado aparecesse e não outro”.

Na construção de nossa argumentação, destacamos o pensamento de Gaston Bachelard, especialmente o da vertente poética, pois, além da proximidade de sua concepção à dos autores mencionados, ele ainda nos oferece um método de leitura de imagens pelas próprias imagens – a ritmanálise –, no qual a biografia do autor não é tomada como elemento primordial para a interpretação da obra, e, nesse sentido, não se configurando como dimensão explicativa das imagens literárias. Bachelard concebe a imagem literária como uma causa sem causa, não se submetendo às servidões da significação. Embora essas idéias percorram toda sua obra estética, é em *A poética do espaço* e no livro póstumo *Fragmentos de uma poética do fogo*, que melhor podemos apreender esse seu pensamento. Sua concepção de tempo, desenvolvida amplamente no livro *Intuição do Instante*, e no artigo *Instante poético e instante metafísico*, é um grande suporte para a compreensão dessas idéias. Para esse filósofo da imaginação criadora, a vida não explica a obra de arte, pois “nada prepara o advento de uma imagem poética”, nem a cultura, nem a percepção (BACHELARD, 1993). Para ele, a poesia realiza uma ação sobre o psiquismo do criador e do leitor. Ao repercutir na alma deste há uma identificação entre o ser do poeta e o ser do leitor. Assim, ao vivermos um poema, como autor ou leitor, temos a experiência de sermos despertados de nossos automatismos.

Ao escrever sobre Fernando Pessoa, o poeta mexicano Octavio Paz declara que “os poetas não têm biografia. Sua obra é sua biografia”. Afirma ainda que, no caso de Pessoa, “nada em sua vida é surpreendente - nada, exceto seus poemas”. Homem de vida pública modesta, Fernando Pessoa dedicou-se a inventar. Através da poesia, criou outras vidas, despertando, assim, o interesse por sua própria vida tão pacata. Dessa forma, propomos a análise da vida a partir da sua obra e das (re)significações que fazem, ou podem fazer, seus leitores.

O desafio que sua poesia representa, para o leitor, está na singularidade com que o retira da visão estável do mundo (como é, em geral, a visão do cotidiano rotineiro), para levá-lo a perceber, com inquietação, uma existência-outra, ainda desconhecida, e que se presente abissal e decisiva. Lida, em conjunto e em confronto. Sua produção poética contraria, de imediato, a nitidez de enunciado que lhe é peculiar, diferenciando-se entre si, não apenas pela dicção poética que os individualiza, mas porque cada uma delas enuncia uma maneira distinta de sentir e conhecer o mundo. É como se corporificando-se em distintas personalidades, os diferentes e conflitantes modos de sentir/conhecer o mundo e a vida, Fernando Pessoa tivesse conseguido neutralizar os desequilíbrios e angústias que, fatalmente, apareceriam se uma só personalidade (Fernando Pessoa ele-mesmo) vivenciasse tais conflitos. A multiplicidade de cosmovisões é, pois, o que, de imediato, avulta na produção poética pessoana.

A religiosidade, o ocultismo e a compreensão da espiritualidade eram por ele cultivados e estavam, no fim das contas, na ante-sala das suas curiosidades. “Não procure, nem creias: tudo é oculto”, afirmou Fernando Pessoa, depois é (contra)dito por Alberto Caeiro, que afirmou “Porque o único sentido oculto das coisas / é elas não terem sentido oculto nenhum”. Sua mediunidade o levou às práticas ocultistas, à defesa da Rosa-Cruz e da maçonaria, à astrologia, à numerologia. Um intelectualista do tipo que ele era fez entrar na construção mental o que podia caber: o inteligível e o ininteligível, o racional e o irracional, o visível e o invisível, o claro e o misterioso, constituindo um sistema mágico nas suas conclusões embora desprovido de comprovação objetiva. Tudo se passou como se a sublitteratura mística de onde extraía alento, ao atravessar seu cérebro privilegiado, saísse do outro lado filtrada e rarefeita do ponto de vista religioso.

Fernando Pessoa é poeta. Não se fecha ao restrito território dos jogos de palavra e dos símbolos. Como poeta, possui uma competência total, complexa, multidimensional que concerne à humanidade e à religião. Sua mensagem religiosa implica ultrapassar o religioso, não se submetendo a organizações e ou instituições religiosas. Nossos viciados esquemas interpretativos têm reduzido, e sucessivamente fragmentado, as análises de sua poesia. A questão religiosa dentro da obra

peçoana tem sido pouco discutida. E, quando feita, muitos dos comentadores desconsideram a possibilidade de uma expressão religiosa plural, multidimensional. O poeta português é sempre reduzido numa expressão religiosa única, seja ela o catolicismo, o esoterismo, o ceticismo, a maçonaria ou qualquer outra, mas sempre recebendo um tratamento monolítico, unilateral.

No que tange à visão da religiosidade nos principais personagens, existe uma distinção externa evidente e uma possível pluralidade interna. Esse posicionamento permite a Pessoa expor as suas especulações filosóficas usando vozes diferentes.

Alberto Caeiro, com uma linguagem simples e vocabulário limitado de um poeta camponês autodidata, aproxima-se da atitude zen-budista de pensar para não pensar, desejar não desejar. Caeiro coloca-se, portanto, como combatente do misticismo, rejeita o desejo de perscrutar o mistério por trás de todas as coisas, busca vê-las como elas são, aproximando-se assim de uma abordagem fenomenológica. Tentando afastar-se da reflexão acerca da essência de Deus, escreve um poema ousado (Guardador de rebanhos, poema VIII) em que apresenta um menino Jesus humano, ousado, travesso e alegre, opondo-se à visão tradicional inerente à Igreja⁵.

Discípulo de Caeiro, Ricardo Reis era um erudito, que insistia na defesa dos valores tradicionais. Seus poemas são odes, poemas líricos de tom alegre e entusiástico cantados pelos gregos, que recorrem sempre aos deuses da mitologia grega. Para Reis os deuses estão acima de tudo e controlam o destino dos homens.

Acima da verdade estão os deuses.
Nossa ciência é uma falhada cópia
Da certeza com que eles sabem
Que há no Universo

Em uma de suas odes, Reis contrapõe-se à visão hegemônica estabelecida e disseminada pela Igreja e ousa descrever Cristo fora de um contexto monoteísta:

(...)

O deus Pã, o imortal.
Não matou outros deuses
O triste Deus Cristão.
Cristo é um deus a mais,
Talvez um que faltava
(...)

Álvaro Campos, por sua vez, influenciado pelo simbolismo, escreve versos de teor autobiográfico e, muitas vezes, pessimista, amargurado e insatisfeito. Avulta aos olhos sua aproximação com a metafísica.

Quanto mais unificadamente diverso
dispersadamente atento
Estiver, sentir, viver for
Mais possuirei a existência total do universo
Mais completo serei pelo espaço inteiro fora
Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for
Porque seja ele que for, com certeza é tudo,
E fora d'Ele há só Ele, e tudo para ele é pouco

Os poemas que assinou com o seu próprio nome têm forte caráter místico-ocultista. Em *Mensagem*, expõe a sua crença de que o rei de Portugal D. Sebastião não havia morrido durante uma batalha, em 1578, ele retornaria ao trono, para que seu país voltasse a ser uma supernação, criando o *Quinto Império*, marcando a supremacia de Portugal sobre o mundo:

Grécia, Roma, Cristandade,
Europa, os quatro se vão
Para onde vai toda idade
Quem vem viver a verdade
Que morreu dom Sebastião?

E, mesmo dentro da produção poética de cada heterônimo, é possível encontrar manifestações do princípio hologramático (o todo está contido nas partes). Caeiro é antimítico, objetivo e (falsamente) sereno, sem olhar nada, apenas vendo, ele trabalha com um diapasão

que impede a concessão do espírito na direção de alguma paixão momentânea, aproximando-se do franciscanismo. Campos aproxima-se do mundo, entretanto, por meio da reflexão, e aposta alto na sensação, mas amargura-se ao perceber que se distancia de seu mestre (Caeiro). Reis, ao aproximar-se do paganismo grego (que para Pessoa representa o mais alto nível da revolução humana), diferencia-se do paganismo, propondo um neopaganismo.

Pessoa, ou melhor, Antônio Mora define a religião como forma rudimentar do sentimento de beleza. Toda a arte não passa de um ritual religioso; uma época é um estado mental e a religião é a média desse estado mental para a coletividade.

Partilhamos com Edgar Morin em reconhecer a poesia, não somente como um gênero de expressão literária, mas como “um estado segundo do ser que advém da participação, do fervor, da admiração, da comunhão, da embriaguez, da exaltação e do amor, que contém em si todas as expressões desse estado segundo” (2005, p. 9). Por não condicionar-se ao mito e/ou a razão, a poesia contém em si a união, mas não a subjunção, desses. Assim, o estado poético nos transporta, através da loucura e da sabedoria, para além delas.

Para Berguer, toda sociedade é um empreendimento de construção do mundo, e a religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento. Nos poemas de Fernando Pessoa, vemos, exteriorizadas, concepções religiosas do autor, que, valendo-se de personagens, expõe representações de sua religiosidade, que, em princípio, pode parecer-nos difusa.

Compreender que a sociedade se radica na exteriorização do homem, isto é, que ela é um produto da atividade humana, é particularmente importante devido ao fato de que a sociedade se afigura ao bom senso como algo muito diferente, que independe da atividade humana (BERGUER, 1985, p. 21).

A representação simbólica do que é sociedade é também uma construção do universo simbólico religioso, isto é, a teosociodisséia. Dessa forma, compreender as representações da religiosidade na obra de Fernando Pessoa é, por conseguinte, compreender as suas representações sociais.

Para o indivíduo existir num determinado mundo religioso significa existir no contexto social particular no seio do qual aquele mundo pode manter a sua plausibilidade (BERGUER, 1985).

Conclusões

Assim sendo, considerar o comprometimento religioso na poesia de Fernando Pessoa, o estabelecimento do contorno desse comprometimento, tendo em vista as diversas expressões da sua religiosidade, considerando as conexões entre as condições históricas gerais e particulares bem como o acolhimento dessa literatura e a relação estabelecida com os leitores a partir das representações da sua religiosidade, é um empreendimento que objetiva compreender não somente a literatura ou a poesia, é debruçar-se também sobre a amplitude do fenômeno religioso.

Percebemos, na produção poética de Fernando Pessoa, um tipo de religiosidade não comum em sua época – entretanto, bastante usual nos dias atuais –: ao invés de abraçar uma única religião, opta-se pela escolha de elementos de várias religiões, constituindo, assim, um tipo de personalismo religioso. Uma espécie de “religião *à la carte*”. Idéia essa teorizada por Thomas Luckmann (1964), entretanto, pouco discutida nos estudos do fenômeno religioso.

Para concluir, vemos que a obra de Fernando Pessoa foi desatrelada da biografia na maior parte da crítica feita à complexa rede de seus heterônimos, cujas personalidades, muito distintas, impossibilitaram uma associação mais estreita entre vida e obra. No âmbito da temática proposta neste artigo, mostramos esse movimento de dissociação e de associação entre as imagens nos diversos heterônimos, indicando uma pluralidade de concepções que não faz jus à biografia do poeta, mas salienta sua riqueza criativa. Elemento esse que faz aflorar concepções religiosas ainda pouco compreendidas, ou dito de outra maneira, limitada pela nossa leitura cartesiana do mundo.

Notas

- ¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- ² Eu não sei o que o amanhã trará
- ³ D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira procedia de fidalga linhagem oriunda da Ilha Terceira e era uma senhora de invulgares dotes intelectuais. Ela "... teve como professor de língua inglesa o próprio preceptor de Príncipes D. Carlos e D. Afonso" (SIMOES, 1950, p. 24)
- ⁴ Durban, cidade inglesa de Natal, situada a sudoeste da África, delimitada a norte pela província portuguesa de Moçambique e pela República do Transvaal; a oeste pela república de Estado livre de Orange (CHURCHILL, 1958, p. 297).
- ⁵ Fernando Pessoa em carta de 3 de Dezembro de 1930 a João Gaspar Simões: O que lhe poderei enviar se quiser, é o oitavo poema de O guardador de Rebanhos, do Caieiro, ou seja, o poema sobre a vinda de Cristo à terra, que não publiquei na Athena por o que é de ofensivo para a igreja católica: nem isso convinha à Athena, como publicação em geral, nem estava certo, sendo católico o Rui Vaz, diretor comigo da revista e proprietário dela.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção "Os Pensadores").

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Lisboa: Estúdios Cor, 1972.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.

BERGUER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo, Ed. Nacional, 1965.

CASTRO, Gustavo *et all.* (Org.) **Ensaio de complexidade.** Porto Alegre: Sulina, 1997.

CHURCHILL, Winston S. **A history of the english speaking peoples.** London: Cassel and Company, 1958.

ECO, Umberto. **Obra aberta.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

FONSECA, Cristina. **O pensamento vivo de Fernando Pessoa.** São Paulo: Martin Claret, 1986.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** São Paulo: Vega, 2002.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira; DANTAS, Alexsandro Galeno Araújo; CICCARONI, Celeste (Orgs.). **Cronos.** Revista do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN. *Dossier Gaston Bachelard.* Natal, v. 4, n.1/2, jan./dez. 2003.

GULLAR, Ferreira. *In: Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 10 de novembro de 1996.

MONTEIRO CASAIS, Adolfo. **Fernando Pessoa: poesia.** Rio de Janeiro: Agir Editora, 1981. Coleção nossos clássicos. Vol. 1.

MORIN, E. **O método IV: A natureza das idéias: vida e organização.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria.** 7. ed. Trad. de Edgar de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **O método III.** Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

NOGUEIRA, Lucila. **A lenda de Fernando Pessoa.** Recife: Associação de Estudos Portugueses João Emerenciano, 2003.

ORDOÑEZ, Andrés. **Fernando Pessoa, um místico sem fé.** Trad. de Sônia Regina Cardoso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

PAIVA, Rita. **Gaston Bachelard a imaginação na ciência, na poética e na sociologia.** São Paulo: Annablumme; Fapesp, 2005.

PAZ, Octávio. **Fernando Pessoa o desconhecido de si mesmo**. Vega, 1988.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PERRONE- MOISÉS, Leiyala. **Fernando Pessoa – alguém do eu, além do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PESSOA, Fernando. **Obra em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. 4ª Ed.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972.

PORTOCARRERO, V. Foucault: a história do saber e das práticas. *In: _____*. (Org.) **Filosofia, história e sociologia das ciências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1993, p.43-65.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARAMAGO, José. *In: JL*. Lisboa, 26 de novembro de 1985.

SCHMIDT, Benito Bisso Schmidt. A biografia histórica: o retorno do gênero e a noção de contexto. *In: GUAZELLI, C.A.B. et al. Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p.121-129.

SEVERINO, Alexandrino E. **Fernando Pessoa na África do Sul**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

SIMOES, João Gaspar. **Vida e obra de Fernando Pessoa – história de uma geração**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1950.

Endereço para contato:

Rua Maristela Alves, 720 – B, ap. 303

Felipe Camarão – Natal – RN

CEP 59074-340

e-mail: anaxsfernando@yahoo.com.br